



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13644 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

A ATIVIDADE DE ESTUDO NA ADOLESCÊNCIA: INTERVENÇÃO NA ATIVIDADE PEDAGÓGICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ágatha Marine Pontes Marega - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Maria Eliza Mattosinho Bernardes - USP- Universidade de São Paulo

A ATIVIDADE DE ESTUDO NA ADOLESCÊNCIA: INTERVENÇÃO NA ATIVIDADE PEDAGÓGICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Resumo: Ao ingressar no 6º ano do ensino fundamental o estudante ocupa novo lugar social e se depara com uma nova realidade escolar. O papel de estudante permanece, mas surgem novas necessidades e, conseqüentemente, novas relações com a atividade de estudo. Este conflito muitas vezes gera desinteresse pela vida escolar, exigindo nova condução pedagógica. O objetivo desta pesquisa foi investigar as condições concretas para que os estudantes do 6º ano se objetivem como sujeitos da atividade de estudo. Sob os pressupostos da teoria Histórico-Cultural, do ensino desenvolvimental e considerando o método genético-causal como suporte metodológico, realizamos uma intervenção na atividade pedagógica de uma turma de 6º ano de uma escola estadual de Curitiba, Paraná. A intervenção se estabeleceu na relação entre a atividade de ensino dos professores, a atividade de estudo dos estudantes e a mediação pedagógica da pedagoga-pesquisadora, na qual todos os sujeitos envolvidos tiveram espaço de fala. Temos como resultado que na adolescência os estudantes não apresentam apenas a necessidade de se comunicar com seus pares, mas de agir, investigar, assumir uma função social. Isto evidencia a necessidade de um ensino escolar para a adolescência com princípios coletivo, investigativo e criativo, a partir da unidade da atividade pedagógica.

Palavras-chave: Atividade de estudo; 6º ano do Ensino Fundamental; Adolescência; Teoria

Histórico-Cultural.

Ao ingressar no 6º ano os estudantes encontram uma nova situação social, passam a ocupar o lugar de alunos mais novos da escola, têm aulas ministradas por vários professores com diferentes metodologias e formas de avaliar. Para além das mudanças estruturais, a nova realidade escolar exige atividade intelectual mais elaborada, como as capacidades de síntese e de abstração. Os estudantes precisam lidar com conteúdos mais complexos, com diferentes interpretações da realidade e convívios sociais, estabelecendo, conseqüentemente, novas relações com a atividade de estudo.

A atividade de estudo permite que os estudantes desenvolvam o pensamento teórico (DAVIDOV, 1988), imprescindível para a formação da personalidade e da concepção de mundo (VYGOTSKI, 2012). Ocorre que muitos estudantes não aprendem a utilizar os conceitos como ferramentas do pensamento, tornando a aprendizagem mais difícil. Esta desintegração entre ensino e aprendizagem resulta em desinteresse por parte dos estudantes e fracasso escolar por parte do sistema de ensino.

Na transição de etapa escolar a crise educacional torna-se destrutiva, diferentemente da crise da idade que é construtiva, mesmo nas suas manifestações negativas (TSUKERMAN, 2003). Asbahr (2011) aponta em sua pesquisa ^[1] que ao final dos anos iniciais do ensino fundamental os estudantes ainda não apresentam autorregulação da atividade de estudo, sugerindo a necessidade de pesquisas a respeito da atividade de estudo no período da adolescência.

Conforme a Teoria Histórico-Cultural, no início da adolescência há a transição da atividade de estudo para a atividade de comunicação íntima pessoal. O adolescente tem a necessidade de se comunicar com os seus pares, requer a validação dos colegas e se aproxima dos grupos a partir de afinidades (ELKONIN, 1987). Apresentam-se novas necessidades e, conseqüentemente, novas relações com o estudo, mas a função social de estudante é preservada. A escola, neste ínterim, tem a importante tarefa de suscitar nos estudantes novas formas de operar com conceitos e provocar novos motivos para o estudo. É justamente a contradição entre a necessidade do estudo e as necessidades iminentes dos estudantes adolescentes que exige nova condução pedagógica.

Diante desta problemática desenvolvemos uma pesquisa de doutorado, de cunho teórico-prático, cujo objetivo foi pesquisar quais são as condições concretas para que os estudantes do 6º ano se objetivem como sujeitos da atividade de estudo. Consideramos alguns fundamentos teóricos como basilares, a saber: a defesa de Vigotski de que o desenvolvimento psíquico é um processo dialeticamente contraditório e revolucionário, marcado por crises; a produção teórica de Leontiev a respeito do conceito de atividade e motivo; os estudos acadêmicos sobre a atividade de estudo; e a compreensão da unidade dialética e indissociável

entre a atividade de ensino do professor e atividade de estudo do estudante.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos no segundo semestre de 2019 uma intervenção na atividade pedagógica de uma turma de 6º ano de uma escola militar da rede estadual do município de Curitiba, no Paraná. A intervenção envolveu os professores de Ciências e História [2], os estudantes da turma e a própria pesquisadora que atuava como pedagoga da escola, identificada como pedagoga-pesquisadora [3]. Tivemos como suporte teórico-metodológico o materialismo histórico-dialético de Marx e o método genético-causal de Vigotski. Também adotamos alguns procedimentos do ensino desenvolvimental de Davidov. Utilizamos o termo “intervenção na atividade pedagógica”, pois recuperamos o conceito de atividade pedagógica como unidade dialética das ações e operações realizadas por estudantes e professores.

O movimento da pesquisa se constituiu a partir da necessidade em superar a imediatividade dos dados, buscando as múltiplas determinações engendradas na estreita relação entre singular-particular-universal. Organizamos a intervenção em duas etapas, a fim de captar as percepções e proposições dos sujeitos envolvidos.

Na primeira etapa tivemos o intuito de compreender quem são os estudantes do 6º ano da escola e como é estabelecida a relação entre esses estudantes e o estudo. Para este momento realizamos as primeiras rodas de conversa com os estudantes e a observação das aulas, sob apoio do diário de campo e da pauta de observação da atividade pedagógica [4].

Na segunda etapa todos os sujeitos envolvidos contribuíram ativamente no processo da pesquisa. Foram realizados encontros entre a pedagoga-pesquisadora e os professores para elaboração das tarefas de estudo; aulas de aplicação das tarefas de estudo, envolvendo a pedagoga-pesquisadora, os professores e os estudantes; e rodas de conversa entre a pedagoga-pesquisadora e os estudantes. Ao longo desta etapa, um procedimento contribuiu com o outro, gerando novos sentidos para o movimento da intervenção na atividade pedagógica.

Após realizarmos a leitura flutuante (BARDIN, 1977) e a primeira descrição dos dados, ainda empírica, organizamos em “temáticas frequentes” os registros manuais (diário de campo e pauta de observação da atividade pedagógica) e as transcrições das gravações dos encontros com os professores, das rodas de conversa com os estudantes e das aulas de aplicação das tarefas de estudo.

Com o objetivo de superar a descrição empírica dos dados (ROCKWELL, 2009) e buscar as abstrações necessárias para compreender o movimento dialético da intervenção na atividade pedagógica, realizamos a descrição teórica dos dados a partir dos princípios da análise de conteúdo de Bardin (1977) e do estabelecimento da nossa unidade de análise: a condução pedagógica e as condições concretas da atividade de estudo. Para organização didática da análise, identificamos três eixos analíticos ou, nas palavras de Vigotski (2004),

abstrações auxiliares: relações institucionais acerca da atividade de estudo; condução do trabalho pedagógico; movimento e correspondência entre os motivos e necessidades de todos os sujeitos envolvidos.

A constituição do estudante do 6º ano do ensino fundamental como sujeito da atividade de estudo se apresentou como um importante fenômeno a ser investigado, para além da aparência fenomênica, imediata e empírica, considerando-o como um fenômeno da realidade escolar constituído por múltiplas determinações. Se o sistema de relacionamento entre a criança de certa idade e a realidade social é significativo para seu desenvolvimento, o 6º ano, aqui nomeado de “ano de transição”, com características e demandas de ensino específicas, é um importante momento escolar para promover o desenvolvimento humano e permitir que os estudantes se tornem sujeitos da atividade de estudo.

No interior de uma atividade guia está a origem da próxima atividade (LEONTIEV, 2004), portanto, as condições concretas para que os estudantes do 6º ano sejam sujeitos da atividade de estudo estão na organização do trabalho pedagógico direcionada às necessidades iminentes dos estudantes adolescentes. Conforme Polivanova (2006), o adolescente não tem apenas necessidade de se comunicar com seus pares, mas agir, experimentar, tal como a criança na fase dos jogos de papéis, também tem necessidade de assumir uma função social.

Esta organização pedagógica perpassa pela unidade indissociável entre as condições concretas da instituição escolar, as condições concretas da condução pedagógica e o movimento dialético dos motivos e necessidades dos estudantes, pedagoga-pesquisadora e professores. Para que não haja alienação da atividade pedagógica, as funções e atividades que os sujeitos desenvolvem na escola não podem estar apartadas, alheias umas às outras.

No 6º ano, constatamos que os estudantes não apresentam atividade de estudo independente. É necessário desenvolver a atividade em comum (RUBSTOV, 1996), propondo tarefas de estudo coletivas para que, gradativamente, haja a transição para as atividades individuais, transformando os mecanismos de regulação da conduta e alcançando a autorregulação da atividade de estudo. A partir da unidade dialética entre a atividade de ensino e atividade de estudo, sob mediação pedagógica, acompanhamos a produção criativa, a resolução coletiva de um problema em comum e a transição gradativa para o estudo independente de estudantes de uma turma de 6º ano.

No decorrer da intervenção na atividade pedagógica o movimento dos sujeitos e a relação imbricada dos professores, pedagoga-pesquisadora e estudantes confirmaram esta unidade. A fala dos estudantes a respeito do que é estudar possibilitaram a condução da pesquisadora, “introduzindo novas possibilidades de constituição das relações entre participantes da pesquisa e pesquisadores”^[5] (SOUZA, 2010, p. 10). A participação ativa dos professores na compreensão dos objetivos da referida pesquisa e na aplicação das tarefas de estudo foi fundamental, afinal, para que a atividade de estudo tenha sentido para os estudantes, é necessário também que o professor seja sujeito da sua atividade de ensino. A

síntese teórico-prática da pedagoga-pesquisadora permitiu que houvesse unidade entre a atividade de ensino dos professores e a atividade de estudo dos estudantes.

Enquanto síntese da produção do conhecimento nesta pesquisa, defendemos a tese de que a unidade na atividade pedagógica necessita estar imbricada nos aspectos afetivo, cognitivo e volitivo, no entanto a construção desta unidade depende da condução pedagógica adequada às necessidades e motivos dos estudantes adolescentes. É necessário superar a alienação da atividade de estudo e considerar a migração da atividade de estudo orientada/coletiva para a atividade de estudo independente/individual, permitindo que os estudantes do 6º ano do ensino fundamental tornem-se sujeitos da atividade de estudo.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. *Por que aprender isso professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural*. 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

DAVÍDOV, Vasili. *La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico*. Moscou. Editorial Progreso, 1988.

ELKONIN, Daniil Borisovich. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVÍDOV, Vasili; SHUARE, Marta. *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS*. URSS: Editorial Progreso, 1987.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

POLIVANOVA, Katerina N. On the problem of the leading activity in adolescence. *Journal of Russian and East European Psychology*, v. 44, n. 5, september-october, 2006, p. 78-84.

ROCKWELL, Elsie. *La experiencia Etnográfica*. História y Cultura en los procesos educativos. Buenos Aires: Paidós, 2009.

RUBTOSV, Vitaly. A atividade de aprendizado e os problemas referentes à formação do pensamento teórico dos escolares. In: GARNIER, Catharine; BEDNARZ, Nadine; ULANOVSKAYA, Irina (orgs.). *Após Vygotsky e Piaget: perspectivas social e construtivista*. Escolas Russa e Ocidental. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Apresentação. In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de. (org.). *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

TSUKERMAN, Galina Anatolievna. The Transition from Primary School to Secondary School as a Psychological Problem. *Russian Education and Society*, v. 45, n. 5, May 2003, pp. 31–56.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas*. Tomo IV. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Machado Libros, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

[1]

A autora investigou o processo de atribuição de sentido pessoal à atividade de estudo de estudantes de uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental.

[2]

Escolhemos dois professores que se mostraram disponíveis para a realização da intervenção na atividade pedagógica da turma. Além disso, as disciplinas de Ciências e História possibilitam o olhar para a aprendizagem dos estudantes para além dos resultados das avaliações externas focadas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

[3]

Unidade indissociável da função de pedagoga da escola e da função de pesquisadora.

[4]

Instrumento desenvolvido pela pesquisadora para captar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores e a conduta dos estudantes durante as aulas.

[5]

Para saber mais, ver: SOUZA, Marilene Proença Rebello de. (Org.). *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.